

humanitas



Vol. XXXIII – XXXIV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS, XXXIII-XXXIV



MCMLXXXI-MCMLXXXII

COIMBRA

Na discussão do *Párodos* é devidamente valorizado o facto de o coro ser constituído por mulheres e rejeitada, com bom senso, a identificação precipitada de Etéocles e Polinices com individualidades conhecidas, contemporâneas de Ésquilo.

A análise do 1.º *Episódio* confere o devido relevo à problemática das relações de Etéocles com o Coro. É justamente assinalado o carácter difícil desta matéria que de há muito opõe os comentadores. Saliente-se o equilíbrio e a subtileza com que o assunto é tratado, parecendo particularmente esclarecedor o paralelo que aqui se estabelece entre o comportamento de Etéocles e o de Pelasgo, nas *Suplicantes*: este último, «rei-cidadão, tenta integrar as Danaides no universo da cidade, em vez de dele as excluir» (p. 72).

O significado da cena central dos *Sete* (vv. 369-719) é justamente sublinhado no comentário. Correcta a afirmação de que «a aparente monotonia destes cantos cobre de facto uma subtil evolução da apreensão para a confiança e da confiança para a incerteza e a dúvida» (p. 123).

Não cabe, evidentemente, aqui a referência particularizada à posição assumida pelas AA. perante muitas das inúmeras questões levantadas por um texto invulgarmente rico de dificuldades. Limitar-me-ei a salientar, mais uma vez, o equilíbrio demonstrado na abordagem dos problemas, a propósito do tratamento da *vexata quaestio* da cena final dos *Sete* (vv. 1005-1078). A atitude prudente que não condena em absoluto este controverso final é significativa da prudência exemplar que sempre animou as AA. ao longo do seu complexo e meritório trabalho.

Concluirei esta recensão, afirmando gostosamente que a variedade e a riqueza do comentário ideológico, linguístico e métrico, a importância normalmente conferida à análise dos factos de cultura e civilização e a perspectiva constante da análise do texto como uma obra de arte fazem deste fino e bem informado estudo sobre os *Sete Contra Tebas* um contributo muito valioso para a compreensão desta tragédia esquiliana.

M. O. PULQUÉRIO

LUIS DE CAÑIGRAL, *Estudios Métricos Sobre Apolonio Rodio*. Museo de Ciudad Real, Estudios y Monografías, 2, 1979. pp. 136.

Este livro é, com pequenas alterações, uma dissertação de licenciatura, apresentada em 1973 na Faculdade de Filosofia e Letras (Secção de Filologia Clássica) da Universidade Complutense de Madrid. O objectivo do A. é realizar um estudo sobre a métrica do hexâmetro de Apolónio de Rodes, segundo o modelo de investigação traçado por H. Frankel no seu famoso artigo «Der kallimachische und der homerische Hexameter» de 1926, trabalho que se encontra, ligeiramente refundido, em *Wege und Formen frühgriechischen Denkens*, 1960, sob o título de «Der homerische und der kallimachische Hexameter».

Na estrutura da obra de Cañigral distinguem-se duas partes: a primeira, «Del pie a la palabra», realiza uma selecção criteriosa das obras fundamentais sobre o verso épico de Apolónio desde as «Lectiones Apollonianae» de E. Gerhard, publi-

cadadas em 1816, até ao aparecimento, em 1926, do citado estudo de H. Fränkel, que o A. considera crucial para a compreensão do hexâmetro épico; a segunda, «De la palabra al kolon», está centrada na análise do método frenqueliano cujas virtualidades são, com bastante finura, apuradas no contexto das críticas e desenvolvimentos a que deu lugar na extensa bibliografia sobre o hexâmetro publicada até aos nossos dias.

Ao analisar a obra de N. Festa, publicada no ano decisivo de 1926, «Ricerche metriche: saggio d'un nuovo metodo per lo studio della metrica greca», comenta o A. a existência no hexâmetro dactílico de *kola* independentes cujas fronteiras seriam realizadas pelas cesuras (p. 55). A utilização da palavra *kolon*, de tão larga aplicação na análise dos versos líricos, é, porém, aqui geradora de uma certa ambiguidade porque da noção geral de «elementos rítmico-métricos» se passa à identificação de membros metricamente caracterizados pela ocorrência de pequenas estruturas métricas como o baquio ou o iambo. Saliente-se que falar de jambos ou baquios na estrutura do hexâmetro dactílico é correr o grave risco da confusão e de perigosas extrapolações sobre a origem do verso épico. Não creio que haja qualquer vantagem em sugerir a identificação destes *kola* com versos primitivos, a partir dos quais se teria formado o hexâmetro épico. Parece-me, pelo contrário, fundamental reconhecer que o papel das cesuras não é dividir, mas articular, não é criar entidades métricas novas ou fazer surgir novos ritmos. Do jogo delicado das cesuras com as pontes resulta antes a organização dos versos de molde a evitarem-se ambiguidades, como, por ex., a ilusão do fim de períodos dactílicos antes de tempo.

Na discussão das ideias de Festa revela-se, porém, bastante oportuna, no plano dos princípios, a reacção do A. contra a «manipulação» das unidades métricas pelo recurso abusivo à síncope a que se atribui frequentemente uma função exageradamente niveladora.

É indubitavelmente sugestiva e fecunda a orientação aberta por Fränkel, e seguida com entusiasmo pelo A., no sentido da investigação das relações existentes entre os elementos métricos e os elementos significativos do verso épico. Mas talvez se deva temperar o entusiasmo pela formulação «positiva, das regras do hexâmetro, realizada por Fränkel, com a reflexão judiciosa que, a este propósito, faz Dale, a págs. 31 de *Lustrum*, 1957/2:

«And is there any reason why a rule in the form of a taboo should be unintelligible? We may make only fumbling suggestions in our endeavours to *explain* it, but there is nothing inherently absurd in the idea that the poets themselves over so many centuries, their ear trained by the thousands of existing verses, simply felt it as a taboo.»

A concluir o seu estudo, refere o A. algumas ideias, apenas afloradas ao longo da sua investigação, como, por ex., os problemas do «kolon adverbial», o estudo sistemático da posição das partículas e sua relação com o possível método de isolamento dos *kola*, o estudo da tipologia e mobilidade da métrica verbal, etc., que estão à espera de um tratamento mais desenvolvido, de acordo com a sua real importância. Esperamos que o A. ponha mãos à obra com o mesmo entusiasmo e competência com que realizou este trabalho, que constitui uma meritória contribuição para o progresso dos estudos métricos sobre a obra de Apolónio de Rodas.